

A PAIDEIA HUMANA À LUZ DA TEORIA PLATÔNICA DA EDUCAÇÃO

Dennys Garcia Xavier¹
Karla Cristina Walter²

RESUMO

Aqui se busca uma reconstrução histórico-teorética do *curriculum* formativo-educacional do homem, tal como traçado por Platão em sua obra *República*. Tal tarefa se impõe ao estudioso moderno na medida em que a atemporalidade da reflexão platônica – ancorada num debate formativo que permeou todo o mundo grego-clássico – se configura num ponto irrenunciável da *vexata quaestio* instalada ainda hoje no seio das pesquisas vinculadas à *paideia* (formação) humana. Com base em leitura analítica do *corpus* literário do filósofo, tentou-se reconstruir as partes constitutivas daquele *curriculum*, insistindo no que, para ele, era tese fundamental: o caráter “conversor” dos saberes evocados, cuja natureza deve portar, a um só tempo, ciência (*episteme*) e poder (*dynamis*), numa estrutura bipolar que deve tirar o homem das sombras da aparência e elevá-lo a um saber de tipo estável e universal.

Palavras-chave: Educação. *Paideia*. Ciência. Técnica. Saberes.

THE HUMAN PAIDEIA IN CONTRAST WITH PLATONIC'S THEORY OF EDUCATION

ABSTRACT

The aim of this text is a reconstruction of the historical and theoretical training and educational *curriculum* of man, as outlined by Plato in his *Republic*. Such a task is imposed on the modern scholar as long as the timelessness of Platonic reflection - anchored in a formative debate that permeated all-classical Greek world - sets a point of irrevocable *vexata quaestio* still present in the investigations linked to the human *paideia* (education). Based on analytical reading of the literary *corpus* of the philosopher, a reconstruction of the main parts of that curriculum is tried, insisting in what is, for him, was fundamental thesis: the "converter" character of knowledge evoked, whose nature must possess, at the same time, science (*episteme*) and power (*dynamis*), a bipolar structure that should take the man out of the shadows of appearance and and elevate him to a stable and universal knowledge.

Keywords: Education. *Paideia*. Science. Technique. Knowledge.

1. INTRODUÇÃO

Poucos filósofos se tornaram tão importantes, seja como objeto de crítica, seja como motivo teórico de concordância de seus pares e comentadores, quanto Platão, especialmente quando o que está em jogo é o seu tratado sobre a educação, registrado nos livros centrais da sua obra *magna*, qual seja, a *República*. Ali, de fato, encontra-se o pano

de fundo teórico de toda a discussão formativa humana aos olhos do pensador Ateniense, com uma inflexão que lançou as bases do ulterior debate acadêmico relativo ao desafio da construção de uma *paideia* (formação) humana ideal. O percurso epistemológico traçado por Platão, que parte de saberes os mais elementares chegando até os mais altos, reflete o magnífico início de uma polêmica que não se restringe ao mundo da filosofia, mas que transborda as fronteiras de outras ciências, tais como a pedagogia, as matemáticas, a ontologia e todas as outras que, de alguma forma, flertam com elementos constitutivos da educação humana. O que deve estudar o homem para que se torne ilustrado? Qual deve ser o seu percurso pedagógico se quisermos construir um Estado que se aproxime, tanto quanto possível, de um ideal? Reformador das propostas educativas do seu tempo, Platão dispense grandes esforços ao nos oferecer um quadro geral e bem acabado de sua *paideia*. Certo, o seu fim último, o seu *leitmotiv*, é a formação dialética, típica do filósofo.

Mas para que chegue a ela, o indivíduo deve cumprir a não simples tarefa de se formar no interior de um arcabouço articulado de ciências propedêuticas, pensadas para a composição física e psicológica de um homem pensado como paradigma. A realização de tal tarefa – distribuída parcimoniosamente pelo nosso pensador em sua composição literária – não admite atalhos. Coloca-se diante do homem platônico o desafio de se constituir num microcosmos erigido segundo rígidas regras harmônicas para que, então, numa espécie projetada em versão maior, tenhamos um macrocosmos político, vale dizer, a *polis* (cidade), constituído como imagem reflexa daquelas regras.

Aqui se nos apresenta o verdadeiro conceito grego-clássico de “conversão”: é preciso fazer com que o cidadão conceba a busca pela verdade, pelo belo e pelo justo, como fim último da sua existência. Que Platão não tenha abandonado os seus discípulos diante de tal desafio, o prova o seu tratado educativo, sobre o qual nos debruçaremos, ainda que sinopticamente, nas páginas que seguem.

2. OS SABERES PREPARATÓRIOS DO CURRÍCULO DO HOMEM ILUSTRADO

O contexto em que o estudo da matemática aparece na mais importante obra de Platão, a *República*, é algo explícito: está-se à procura de “disciplinas”³ ou de “saberes” (*mathemata*) que possuam o “poder” (*dynamis*) de “arrastar” a alma “da esfera do devir para a do ser” (*República*, 521 C 5-D 7) – ou seja, um certo saber que “conduza” (*periagoge*) para “a verdadeira filosofia” (*República*, 521 C 5-D 4) – e que, além disso, não seja “inútil aos homens guerreiros” e, por assim dizer, aos homens comuns (*República*, 521 D 11).

Da maneira como são expostos, é evidente que os termos da pesquisa indicam uma distinção fundamental: as disciplinas procuradas encontram-se em diversos níveis de aprofundamento, emblematicamente dispostos no binômio “técnica” (*techné*) e “ciência” (*episteme*). Não nos achamos face a uma distinção meramente semântico-terminológica – dado que “técnica” e “ciência” são vozes, por assim dizer, intercambiáveis em relação ao conjunto das disciplinas matemáticas *ascensionais* da *República* – mas face a uma caracterização funcional: as mesmas disciplinas podem ser utilizadas quer a nível prático/elementar, quer a nível mais alto, como ciências do intelecto. Talvez o uso não específico da terminologia qualificativa dos saberes matemáticos encontre explicação não só no costume de as chamar *technai* (“técnicas/ciências”) – neste caso Platão teria feito apenas uma escolha motivada pela simplificação comunicativa sem desenvolvimentos ulteriores – mas também na abordagem não-ortodoxa e reformadora do nosso filósofo

relativamente aos saberes matemáticos, que teria emoldurado no leque terminológico do seu tempo, absolutamente impreciso quanto aos nomes. De fato, diz Platão sobre a questão semântica que se refere aos saberes preparatórios:

A estas técnicas (*technai*), por causa do hábito, chamamo-las muitas vezes ciências (*epistemas*); todavia, na realidade, deveriam ser chamadas de outra forma, superior em relação à opinião e inferior em relação à ciência – definimo-las antes como *dianoia* [conhecimentos intermediários]. Todavia, parece-me que pessoas que se dispuseram a levar a cabo investigações como a que estamos a fazer têm problemas maiores do que os da escolha do nome (*República*, 533 D 4-E 2).

Aqui, valem os exemplos mais do que os nomes e a duplicidade relativa ao uso é, em todo o caso, um ponto de referência seguro, como veremos de seguida.

3. EM BUSCA DOS SABERES QUE ARRASTAM A ALMA PARA A VERDADE

Há duas candidatas que imediatamente se apresentam ao cargo de arrastar a alma para a luz da verdade e de serem úteis à guerra e às coisas práticas: a “ginástica” e a “música”, disciplinas já utilizadas no estudo da formação dos guardiões do Estado Ideal – a que se faz referência no livro III da *República* (401 D 5-412 A 3) – aparentemente detentoras dos elementos requeridos pelos saberes procurados.

Ginástica e música parecem ter uma íntima conexão quer com a *pysche*, com a alma racional e, por conseguinte, com a filosofia, quer com a alma irascível, portanto, com a arte da guerra. Um aspeto duplo que converge no “ritmo”, na “harmonia” e nas características “irmãs” (*República*, 401 D 7, 410 A 9, 522 A 2-B 1) – presentes em ambas as disciplinas. Todavia, vê-se que não são as candidatas ideais, pois o atestam seja a subordinação da ginástica ao que “se gera e se corrompe” – visto tratar do “crescimento e da consumação dos corpos” (*República*, 521 E 3-4) –, seja a ausência das características procuradas na disciplina “correlativa” da ginástica (*República*, 522 A 3), precisamente a música:

GLÁUCON: Ela [a música], seguindo a harmonia, oferecia o sentido da proporção, não ciência, e atrás do ritmo um certo tipo de elegância... Mas um ensinamento capaz de alcançar esse objetivo de que andas à procura, não será na música que o vais encontrar (*República*, 522 A 2-B 1).

Platão descarta definitivamente do horizonte da investigação a ginástica, a música e todas as *technai* “inferiormente manuais” (*República*, 522 B 4-7) com que lidou. De fato, “o adjetivo *hapasai* (“todas”) não permite, ao que parece, nenhuma exceção: excluem-se da candidatura também “a arte do cálculo”, citada mais do que uma vez no livro I (*República*, 337 A-B; 340 D-E) e, em geral, os conhecimentos elementares dos números e do uso das regras aritméticas que algumas obras de Xenofonte (*Mem.* IV 4, 7; *Oec.* VIII 14) e de Platão (especialmente *Leis* v 747 B) ligam a atividades manuais e artesanais, mecânicas e de construção, à administração doméstica, mercantil e também civil – em suma, à gestão da vida quotidiana, isto é, às aplicações mais baixas/técnicas das ciências matemáticas” (CATTANEI, 2003, pp. 476-478). Ao contrário do que parece, não se trata de uma condenação absoluta do uso utilitário dos saberes que aqui estão em jogo. De fato, os personagens Sócrates e Gláucón dão por certa a inclusão, no novo programa formativo que se entreve no horizonte, das simples capacidades de numerar e de calcular (*República*,

522 C 5-6) e recuperam a importância do cálculo e da geometria elementares para a formação dos guardiões, que devem ser também “atletas de guerra” (*República*, 521 D 5). A disciplina de que se está à procura só pode ser aquela capaz de abraçar o conjunto de todas as outras, do seu nível mais baixo ao mais alto, num conjunto bem articulado que envolva e valorize, na medida justa e ao mesmo tempo, *techne* e *episteme*.

4. AS MATEMÁTICAS NO PROCESSO HUMANO DE FORMAÇÃO

Os primeiros saberes relevantes candidatos ao posto são a “ciência dos números” ou “aritmética” e o “cálculo” (*República*, 522 C 6-7), saberes nos quais se baseiam todos os outros saberes, dado que servem a “todas as técnicas, todas as atividades intelectuais, todas as ciências” (*República*, 522 C 1-2) e que, precisamente por isso, devem ser aprendidos “antes dos outros” em ordem cronológica (*República*, 522 C 2). De fato, apesar de “ninguém saber servir-se deles corretamente” (*República*, 523 A 1-3), são disciplinas úteis à arte da guerra/vida quotidiana e são capazes de conduzir/arrastar a alma para a essência da realidade (*República*, 523 A 2-3): “poderes” que, simultaneamente, entram na definição do saber que se procura e que reforçam quer a não-oposição entre os seus diversos usos *hierarquizados* – da *techne* à *episteme* –, quer a sua não-sobreposição, em virtude do objeto a que se aplicam. Enquanto que a utilidade do uso técnico/militar destas disciplinas é facilmente apreensível, visto o seu emprego fundamental nas operações bélicas/vida quotidiana (*República*, 522 D 1-E 2), a sua natureza “arrastadora” requer uma explicação mais elaborada, radicada na capacidade de convidar o conhecimento ao aprofundamento, isto é, à contemplação da verdadeira realidade: eis o que o nosso filósofo passa a ilustrar baseando-se numa comparação entre a sensação e a sua relação com os objetos.

4.1. AS MATEMÁTICAS E AS SENSACIONES QUE ESTIMULAM A INTELIGÊNCIA

Segundo Platão, há duas categorias de objetos da sensação (*aisthesis*): de um lado, os que não estimulam a inteligência – “porque parecem já ser suficientemente compreendidos pela sensação” –, de outro, os que a estimulam, “como se a sensação não produzisse nada de saudável” (*República*, 523 B 3-4) (SZLEZÁK, 2003, pp. 90-97). Segundo tal distinção, por exemplo:

1. a sensação da existência de um determinado objeto não acompanhada por um estímulo contrário – isto é, que sugira, ao mesmo tempo, a sua não-existência – não dá azo a reflexão, visto que não impele a alma a ter um conhecimento efetivo da essência do objeto percebido (*República*, 523 C 11-E 2);

2. pelo contrário, um objeto da sensação estimula a reflexão quando turba a alma com propriedades simultaneamente contrárias (grande/pequeno, duro/mole, leve/pesado) (*República*, 523 E 3-524 A 10), confundindo aquele que experimenta tal sensação. Com efeito, são de afecções opostas que suscitam um estímulo (*República*, 524 B 1-2) que obriga a alma a buscar refúgio no “raciocínio” e na “inteligência”, precisamente para examinar se o que estimula a sensação de modo contraditório diz respeito a um só objeto ou a dois objetos diferentes, quer dizer, para “considerar o grande e o pequeno não misturados, mas distintos, exatamente o oposto de como os vê a vista” (*República*, 524 C 6-8). Portanto, os objetos da sensação que se apresentam aos sentidos junto com os seus

contrários impõem a pesquisa da essência do grande e do pequeno, isto é, do grande enquanto tal e do pequeno enquanto tal (o que, segundo a linguagem platônica, reenvia necessariamente para a esfera do inteligível, visto que tal seria impossível no âmbito das coisas visíveis/fenomênicas) (*República*, 524 C 10-13).

Por analogia, a aritmética e o cálculo – disciplinas em que os objetos são os números (*República*, 525 A 9-11) – compõem o elenco dos saberes “estimuladores da inteligência”, precisamente porque enfrentam muitas vezes controvérsias – originadas na experiência primária/elementar das relações entre números – relativas à unidade e à multiplicidade dos seus objetos (*República*, 524 D 9-525 A 7). De fato, os homens mais capazes devem dedicar-se aos números não superficialmente – isto é, contra a sua natureza “potencial” – “por amor da compra e da venda, como os comerciantes ou vendedores, mas por causa da guerra e para facilitar a conversão da alma da mutabilidade à verdade e ao ser” (*República*, 525 C 4-6).

Cultivado com o puro fim de alcançar a “ciência” (*episteme*), e não por mero cálculo (*República*, 525 D 3), a aritmética “eleva poderosamente a alma para o alto” (*República*, 525 D 5-6), impelindo-a a discutir os números enquanto tais, sem nunca aceitar ou tomar em consideração demonstrações introduzidas por números de corpos visíveis ou palpáveis (*República*, 525 D 6-8). Deste ponto de vista, é inútil qualquer tentativa parecida com a “divisão do um enquanto tal” (*República*, 525 D 9-E 1), visto que se trata de um elemento situado na região do entendimento com o qual não se pode trabalhar em terreno diferente (*República*, 526 A 6-7). No esquema educativo da *República*, então, vale o que propugna o filósofo também na obra *Filebo*, na qual diz haver “a aritmética da multidão” e “a aritmética dos filósofos” (*Filebo*, 56 D 9), uma “distinção não pequena” (*Filebo*, 56 D 9), cuja razão de ser é ilustrada com duas maneiras diferentes e emblemáticas de fazer:

SÓCRATES: Efetivamente, dos que se ocupam do número, uns contam de certa forma unidades desiguais, como dois exércitos, dois bois, dois objetos quaisquer, os mais pequenos ou então os maiores de todos; os outros, pelo contrário, nunca fariam o mesmo que aqueles, a não ser que se suponha que nenhuma das inúmeras unidades seja diferente de outra unidade.

PROTARCO: E dizes muito bem que não é pequena a diferença entre os que se ocupam do número, razão pela qual é lógico que existem duas aritméticas (*Filebo*, 56 D 9-E 6).

“Portanto temos uma ciência comum dos números, que é aplicativa, e outra que age só sobre conceitos numéricos, enquanto homogêneos, e não sobre as coisas, que por definição são heterogêneas” (MIGLIORI, 1998, p. 279). Uma divisão, todavia, que diz respeito às mesmas técnicas, conforme os objetos, quer, por um lado, em nível prático, quer, por outro, em nível estrutural, referido aos próprios números.

No âmbito dos saberes em que o saber e o poder se implicam reciprocamente, a aritmética e o cálculo desenrolam um papel fundamental. Junto com as suas disciplinas afins, são partes de um currículo “psyco-gínico” – porque de “ginástica da alma” se trata – “a que se devem submeter os futuros filósofos e defensores” (*REPÚBLICA*, 503 B 5), para desenvolverem a capacidade de alcançar os *megista mathemata*, vale dizer, os mais altos conhecimentos (*REPÚBLICA*, 503 E 3-4, 504 A 3, *cf.*, 504 D 4-E 1) e, em especial, o *megiston mathema*, o mais alto saber enquanto tal, que coincide com a Ideia do Bom (*REPÚBLICA*, 502 A 2). Aliás, a sua prática é útil tanto para os homens de engenho quanto aos outros, mais fracos no raciocínio: no primeiro caso, porque prepara para todas as outras

ciências, no outro caso, porque, na pior das hipóteses, os torna pelo menos mais perspicazes (*REPÚBLICA*, 526 B 5-8).

5. AS CIÊNCIAS MATEMÁTICAS “IRMÃS” E A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE PAIDEIA

Mas, como dissemos antes, Platão continua a sua busca das disciplinas que elevam a alma através de um critério de “parentesco” ou de “afinidade” que conduz naturalmente para a geometria, um saber que segue de perto os outros saberes tratados anteriormente (*REPÚBLICA*, 526 C 5-11).

5.1. A GEOMETRIA

Antes de mais nada, é preciso dizer que, tal como as ciências “irmãs”, a geometria possui uma utilidade evidente na decisão das táticas bélicas. Apesar de usar apenas a sua parte mais básica e, por assim dizer, marginal, a arte bélica não pode passar sem a geometria, quer para dispor os acampamentos ou para conquistar uma região, quer para dispor taticamente as tropas em batalha ou em marcha (*REPÚBLICA*, 526 D 1-6). Porém, os termos do estudo requerem também neste caso, a análise da “parte principal” da geometria (*REPÚBLICA*, 526 D 7-9), aquela porção sua que, sendo capaz de converter a alma à verdadeira filosofia, poderá garantir a sua presença no programa formativo dos homens ilustrados. De fato, Sócrates diz a este propósito que,

se o que [a geometria] nos obriga a olhar diz respeito à essência, convém-nos; se, pelo contrário, diz respeito ao devir, não nos convém (*REPÚBLICA*, 526 E 6-7).

Em verdade, Platão afasta aquela parte “mais baixa” da geometria – isto é, o seu laço com as atividades práticas/contingentes – para retirar a máxima vantagem do seu uso mais nobre, quer dizer, “o conhecimento do que existe sempre e não do que a um certo ponto gera ou perece” (*REPÚBLICA*, 527 B 5-6). A geometria elevada – praticada de acordo com a parte mais afim à sua natureza – é conhecimento do que é sempre e não de coisas mutáveis, produzidas com vista a efeitos práticos numa realidade mutável.

A proposta de Platão passa, mais uma vez, pela inversão radical da perspectiva do senso comum que, sob efeito da operação imediata dos conhecimentos matemáticos básicos, muda *ontologicamente* a coisa em si mais importante na mais importante *para nós* (neste caso, mais útil do ponto de vista prático/básico). O próprio Platão defende que não se subestime a dimensão técnica e os efeitos acessórios da geometria – e, de resto, das outras disciplinas que elevam a alma, como vimos antes (*REPÚBLICA*, 527 C 3-8). A sua multifuncionalidade ínsita requer não a remoção de um determinado conteúdo mas, pelo contrário, o seu uso crítico total em plena harmonia com o âmbito de investigação delineado (sob forma de uma mediação entre as diversas instâncias *técnico-epistêmicas*). De fato, os habitantes do Estado Ideal nunca deverão abandonar a geometria (*REPÚBLICA*, 527 C 1-2) quer como saber bélico, quer como saber propedêutico às outras ciências, quer ainda como ciência “apta a arrastar a alma para a verdade e a produzir pensamento filosófico” (*REPÚBLICA*, 527 B 9-10).

5.2. A ASTRONOMIA

Depois da aritmética (junto com o cálculo) e da geometria, Platão tira da cartola outra ciência-irmã, a astronomia, um saber também de vasta aplicação numa estrutura bipolar, limitada, por um lado, pela baixa *techne* e, por outro, pela alta *episteme*. De fato, a astronomia é particularmente útil à agricultura, à navegação, à arte militar e à compreensão das estações, dos meses e dos anos (*REPÚBLICA*, 527 D 2-4). Mas a sua dimensão mais elevada não reside neste tipo de utilidade – ligada à vida quotidiana e à mera técnica básica. Bem pelo contrário, o uso unívoco e elementar da astronomia é algo a ser evitado, na medida em que “corrompe e obstrui” (*REPÚBLICA*, 527 E 1) a faculdade da alma com a qual – mais do que com “inúmeros olhos” (*REPÚBLICA*, 527 E 2) – se pode contemplar a verdade e que, precisamente por isso, é importante salvar. Na verdade, é bastante natural que os que nada compreendem deste tema pensem ser inúteis e indignas de estima as várias outras aplicações das técnicas com as quais trabalham. Mesmo entre quem aspira à filosofia há vítimas de tal inversão espaço-axiomática, diz Platão: eles pensam estar olhando para cima, mas na verdade estão a olhar para baixo (*REPÚBLICA*, 528 E 6-529 A 7). É interessante ler, a este propósito, o trecho de elevadíssima literatura representado pelas palavras que o nosso filósofo põe na boca de Sócrates e que resume, com mestria, o sentido mais profundo de toda a *summa* matemática da *República*, neste caso, ilustrado pelo saber astronômico:

Tu corres o risco de fazer como quem, ao levantar a cabeça para olhar para as decorações do teto, só por ter visto algo, pensa que viu com o intelecto e não com os olhos. Em todo o caso, não consigo pensar noutra ciência capaz de dirigir a alma para cima, a não ser a que trata do ser e do invisível. Aliás, do meu ponto de vista, se alguém, estando boquiaberto a olhar para cima ou de boca fechada a olhar para baixo, se esforçar por compreender um fenômeno sensível qualquer, não poderá obter uma verdadeira aprendizagem – de fato, não há ciência destas realidades – nem dirigirá o olho da sua alma para cima; dirigi-lo-á antes para baixo, por mais que se esforce por aprender a nadar de costas em terra ou no mar (*REPÚBLICA*, 529 A 9-C 3).

Portanto, “os ornamentos que aparecem no céu” (*REPÚBLICA*, 529 C 7) da realidade visível – apesar da sua beleza e regularidade – estão certamente abaixo da verdadeira realidade, cuja existência pode ser apreendida só por meio do intelecto e não pela vista. Como indica uma correspondência já estabelecida para as outras ciências-irmãs, as revoluções dos astros celestes visíveis são, para a astronomia, um auxiliar paradigmático – não um fim em si mesmo – de onde, através de estímulos práticos/sensíveis, emerge a essência:

SÓCRATES: E então – disse – estudaremos a astronomia, usando-a como a geometria, isto é, utilizando a sua capacidade de problematizar, deixando de parte os astros do céu, se realmente – aplicando-nos à autêntica astronomia – quisermos arrancar aquela faculdade natural da nossa alma que é a razão da sua condição de inatividade, transformando-a assim em algo útil (*REPÚBLICA*, 530 B 6-C 1).

Uma atividade “psico-gínica” seguramente mais complexa do que a astronomia praticada pelos técnicos habituais, mas que deve orientar toda a grande variedade de

ciências submetidas às mesmas abordagens metodológicas radicadas no binômio *técnica/episteme*, úteis tanto para a investigação da verdade quanto, por conseguinte, para a boa constituição/governo do Estado (*REPÚBLICA*, 530 C 2-530 D 1).

5.3. A ESTEREOMETRIA

Ciências como a estereometria: saber relativos aos corpos sólidos em repouso e, precisamente por isso, a ser considerado logicamente posterior à geometria e anterior à astronomia (*REPÚBLICA*, 528 A 9-B 3; cf. 528 D 5-E 5). Relativamente a esta ciência, a desilusão de Platão em relação aos cientistas “hodiernos” chega ao seu ápice. A precariedade desta ciência deriva quer da ausência de uma política pública que a tenha na devida consideração, quer da inexistência de um mestre capaz de dirigir as pesquisas nessa determinada área (situação esta ainda mais complicada visto que, “estando as coisas como estão”, a arrogância dos estudiosos impedi-los-ia de aceitar um tal mestre (*REPÚBLICA*, 528 B 6-C 1). Desprezada pelo aparato estatal apesar do seu “fascínio” (*REPÚBLICA*, 528 D 1), a discreta utilidade prática e cotidiana da ciência dos corpos sólidos imóveis coloca ao mesmo nível a multidão impreparada e os estudiosos que não conseguem perceber o seu sentido mais profundo – isto é, a sua utilidade mais verdadeira e típica – reservando-lhe, talvez em medida ainda maior dado que se trata de uma ciência nova, a mesma sorte que às outras ciências já mencionadas.

5.4. A HARMONIA

Por fim, figura entre os saberes propedêuticos agrupados na *summa* da *República* a harmonia, ciência em que a astronomia visiva encontra o seu correspondente auditivo, dado que se dedica aos movimentos sonoros harmoniosos (*REPÚBLICA*, 530 D 6-11). O toque que caracteriza os princípios de condução deste saber dentro da *paideia* reformadora de Platão é análogo ao que já foi indicado anteriormente:

SÓCRATES: Que nunca se proponha que aqueles que instruiremos aprendam uma disciplina qualquer de modo incompleto, evitando levá-la àquele ponto a que cada ciência deveria chegar, como dizíamos há pouco a propósito da astronomia. Ou não sabes, porventura, que também com a harmonia se está a fazer algo de análogo? De fato, medindo reciprocamente as relações harmônicas e os sons, produzem trabalho inútil, tal como os astrônomos (*REPÚBLICA*, 530 E 5-531 A 3).

Pois bem, os que “torturam” as cordas querendo definir a menor unidade sonora acreditam “mais nas orelhas do que na inteligência” (*REPÚBLICA*, 531 A 8-B 1) e, tal como os astrônomos em geral, ficam fechados nos limites dos sentidos, sem tocar “os verdadeiros problemas”, isto é, sem ir ver quais são os números harmônicos enquanto tais e quais não são, e as razões pelas quais uns são tais e os outros não (*REPÚBLICA*, 531 C 2-4). Uma tarefa útil se nos move a “busca do belo e do bom”, mas completamente “inútil se for aplicada de modo diverso” (*REPÚBLICA*, 531 C 6-7) (XAVIER, 2007, pp. 247-260).

6. CONCLUSÃO

Temos aqui um quadro bem delineado do que Platão considera ser o *curriculum* formativo filosófico por excelência, o elenco de disciplinas a serem apreendidas pelo homem que deseja, para além da mera aparência fenomênica, ancorada em dados sensoriais superficiais, a verdade que subjaz o devir. Deve-se destacar, no entanto, que não se trata, para ele, de um caminho, por assim dizer, utópico, mas um percurso formativo a ser aplicado a todo homem disposto a construir um Estado o mais possível organizado de acordo com os preceitos da bondade, da beleza e da justiça. Assim, resta claro que o que está em jogo é algo muito maior do que a mera especulação teórica vazia ou sem implicações reais. O paradigma epistemológico desenhado por Platão vai além, e inspira os homens de bem, que pretendem se formar nos mais altos estudos pensados para a difícil condição humana. O quanto seja realizável, resta uma incógnita. No entanto, paradigmas são fontes de inspiração, e a locução tipicamente platônica “realizá-lo tanto quanto possível” é já prova suficiente de que não se busca a sua aplicação total, mas o seu uso possível.

Referências

- CATTANEI, E. “Le matematiche al tempo di Platone e la loro riforma”. In. VEGETTI, M. *Platone: La Repubblica*, v, Libri VI-VII. Napoli: Bibliopolis, 2003, pp. 473-540.
- CORNFORD, F. M. *Plato's Theory of Knowledge*. London: Routledge, 1935.
- MIGLIORI, M. *L'uomo fra piacere, intelligenza e Bene. Commentario storico-filosofico al "Filebo" di Platone*. Milano: Vita e Pensiero, 1998.
- PERINE, M. “Estudos platônicos: leituras entre o escrito e o não escrito”. In. PERINE, M. (org.). *Estudos Platônicos*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- PLATO. *The Theaetetus of Plato*. Tradução feita por M. J. Levett [ed. original 1928], revista com introdução de Myles Burnyeat. Indianapolis/Cambridge, 1990.
- PLATONE. *Platonis Opera*. A cura di J. Burnet. Oxford, 1892-1906 (com várias edições).
- PLATONE. *Tutti gli scritti*. A cura di Giovanni Reale. Milano: Bompiani, 2000.
- REALE, G. *Per una nuova interpretazione di Platone: rilettura della metafisica dei grandi dialoghi alla luce delle "Dottrine non scritte"*. Milano: Vita e Pensiero, 1991.
- SZLEZÁK, Th. *La Repubblica di Platone: I libri centrali*. Brescia: Morcelliana, 2003.
- XAVIER, D. G. “A República de Platão e as operações henológicas da Idéia de Bem”. In: *Síntese: Revista de Filosofia*, nº 34/ 109 (2007), pp. 247-60.
- XAVIER, D.G. “Para uma metafísica platônica à luz da ‘tradição indireta’ ”. In: *Hypnos*, nº 15 (2005), pp. 117-28.

¹ Doutor em *Storia della Filosofia* pela *Università degli Studi di Macerata* (UNIMC), Itália. Tem Pós-doutorado em História da Filosofia pela *Universidade de Brasília* (UnB) e pela *Universidade de Coimbra* (UC). Professor de Filosofia Antiga do *Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia* (IFILO-UFU), Brasil. Vice-presidente da *Sociedade Brasileira de Platonistas* (SBP). Diretor-acadêmico do *Núcleo de Estudos em Filosofia Antiga e Humanidades* (NEFAH), da *Universidade Federal de Uberlândia* (UFU). E-mail: dennysgx@gmail.com

² Mestranda em Educação pela *Universidade de Uberaba* (UNIUBE), Brasil, e em Ciências da Educação pela *Universidade de Coimbra* (UC). Professora da *Faculdade Presidente Antônio Carlos* (UNIPAC), Brasil. E-mail: karla.cris@oi.com.br

³ A tradução do grego para o português é de quem escreve. A edição crítica consultada é a *Platonis Opera*, cuidada por J. Burnet.

Recebido: agosto-13

Aprovado: novembro-14